

As guinadas do PSD à esquerda e à direita

05 Março 2016



Rita Dinis

Passos Coelho é hoje eleito para mais dois anos à frente do PSD. Para que lado quer ir? Do Sá Carneirismo ao Passismo,

"A história reescreveu Sá Carneiro de forma diferente. Começou por ser muito mais de esquerda do que se pensaria, e tornou-se radicalmente moderado"

Filipe Montargil

Segundo Montargil, Sá Carneiro passa a poder ser considerado como "radicalmente moderado". Moderado no sentido democrático, defendendo o fim do poder político-militar e procurando afirmar-se social-democrata em vez de socialista; mas radical na determinação, na forma, no tom e na postura que assumiu para lá chegar.

Essa postura, que Nuno Manalvo chama de postura do "tudo ou nada", viria depois a ser recuperada por Cavaco Silva.

Mota Pinto, uma guinada à esquerda

Mas antes uma paragem na liderança de Carlos da Mota Pinto e na construção do Bloco Central, com o PS.

"Com Mota Pinto, o PSD aproxima-se ao PS, mesmo contra uma parte do partido que não queria. Foi líder do partido que apresentou uma linha mais social-democrata e menos liberal. E isso vê-se no facto de ter assinado o acordo para o bloco central, em 1983, aceitando que o Estado tivesse um papel mais interventivo na economia e na vida das pessoas", explica Manalvo. Foi com Mota Pinto que o partido mais virou à esquerda.

"O PSD passa de um parceiro maioritário na AD para um parceiro minoritário no acordo com o PS. Passa de uma direita mais liberal para uma esquerda mais social-democrata", acrescenta.



Mota Pinto com Mário Soares no Bloco Central

Na moção com que se apresentou ao congresso, Mota Pinto explicava mesmo que via a AD como um desvio e não como o lugar natural do PSD, e defendia que a aliança com os socialistas não “afetava a coerência e vocação do PSD como partido reformista e modernizador”.

Mas os tempos foram de grande crise económica e um dos maiores desafios que o governo do Bloco Central acabaria por enfrentar foi a primeira intervenção do Fundo Monetário Internacional em Portugal, com quem assinou um memorando de entendimento apenas dois meses depois da tomada de posse. Seguiram-se dois anos difíceis, com subidas de impostos e de preços de bens essenciais, crescimento do desemprego e salários em atraso, congelamento de investimentos públicos, além de um corte no subsídio de Natal de 1983 e da desvalorização do escudo. Uma história que viria a repetir-se em 2011, mas com o PSD coligado com o CDS.

Cavaco, um regresso à base

O próximo abanão viria pouco depois com a inesperada ascensão de Cavaco Silva. “O apoio a Mário Soares não serve os objetivos essenciais do PSD” e “a candidatura de Diogo Freitas do Amaral” é “uma oportunidade de êxito no sentido de se avançar para a constituição de uma nova força política”. Foi assim que se apresentou no congresso da Figueira em maio de 1985: Cavaco queria recuperar a facção mais liberal do partido e descolar o PSD do socialismo.

“A vitória de Cavaco foi a derrota da linha mais social-democrata dentro do PSD. E Cavaco foi verdadeiramente o único líder do PSD que pôde aplicar o seu programa político sem constrangimentos externos”, tendo sido fruto do “momento favorável de desenvolvimento económico” de que a Europa, e também Portugal, gozavam entre a década de 80 e 90, sublinha Nuno Manalvo. É o regresso à base sá carneirista.